

Cinco meses de polêmica

por Claudio Kuck
de Brasília

Os capítulos mais emocionantes da candidatura Joaquim Roriz começaram a 8 de março deste ano, quando ele comunicou ao então presidente José Sarney que sairia do governo no dia 12 para candidatar-se, apesar das pressões quanto à sua inelegibilidade. No dia 9, às 11 horas, ele foi ao "Bolo de Noiva" informar ao presidente eleito de sua decisão. No longo encontro, Fernando Collor de Mello disse ter ficado impressionado com sua capacidade de negociar, citando tê-lo visto na TV discutindo como governador no gabinete do deputado do PCB, Augusto Carvalho, o fim da greve dos professores.

Depois de falar das dificuldades jurídicas da candidatura, Collor ainda elogiou a reforma urbana que Roriz fizera em Brasília, para em seguida dizer que o queria no Ministério da Agricultura, "para realizar uma reforma agrária de grande porte". De acordo com Roriz, a proposta veio como convocação e a respon-

ta tinha que ser dada até as 16 horas. Ele consultou os familiares e auxiliares, aceitando o convite. No dia 12 despediu-se do Palácio do Buriti, com milhares de pessoas pedindo sua candidatura de volta.

Empossado ministro no dia 15, começou a pedido de Collor a buscar um nome para substituí-lo como candidato. Houve dificuldades, ao mesmo tempo que surgia a possibilidade de o PT ter Luiz Inácio Lula da Silva concorrendo no DF (onde venceu na eleição presidencial), apenas para ter um governo de oposição junto ao Planalto. Pesquisas feitas indicaram que Lula venceria outro que não fosse Roriz. Os apelos constantes de eleitores fizeram Roriz procurar Collor para dar-lhe um quadro da situação, dizendo que estava disposto a correr os riscos de uma impugnação para voltar a ser candidato. Três dias depois o presidente o liberou e após apenas duas semanas como ministro, Joaquim Roriz retomou sua tumultuada candidatura.